

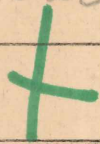
Nas oficinas, os alunos passam grande parte do tempo escolar.

to Jones dos Santos Neves
Biblioteca

EDUCAÇÃO

AJ0258

Há 70 anos formando profissionais



Modelo ou não, a Escola Técnica Federal do Espírito Santo atingiu, como reconhece seu próprio diretor, um nível invejável de eficiência no ensino. Com mais de três mil alunos, ela ensina várias profissões. Quem constatar isso é logo confrontado com as estatísticas do estabelecimento.

Nelas estão os vários cursos, estágios e prosseguimento dos estudos. Com tudo isso a escola não quer parar. Zenaldo Rosa da Silva, o diretor, fala em aperfeiçoamentos e melhorias e pretende traçar um novo plano para os próximos 10 anos.

Se alguém chegar para o professor Zenaldo Rosa da Silva e dizer que a Escola Técnica Federal do Espírito Santo é uma escola modelo, nada ouvirá. Ele apenas se limitará a um sorriso e continuará falando da Escola para admitir, logo adiante, que ela chegou a um nível elevado. Ele descarta, neste processo, o seu próprio mérito e o atribui a toda a equipe, incluindo professores e alunos.

Para início de conversa, é um bom assunto. A frente da escola há 12 anos, Zenaldo acompanhou toda essa evolução, foi o responsável pela implantação de alguns cursos e cuida, hoje, de todos os detalhes de funcionamento da ETFES. Por tudo isso, ele fala com um certo entusiasmo do nível de ensino que a escola oferece e do que está sendo feito.

Mas o que é a Escola Técnica? Basicamente ela é uma escola federal que ministra o ensino profissionalizante a nível de 2º grau, oferecendo seis habilitações diferentes. Até aí, nenhuma novidade. O que destaca a escola no contexto das demais é que o seu nível de ensino e aproveitamento são considerados muito bons. Além disso, ela própria cuida da colocação dos alunos que estão concluindo os cursos, fazendo um perfeito acompanhamento da formação de toda a mão-de-obra.

e na época do orçamento. Ai então os dirigentes têm de brigar junto ao Ministério da Educação e Cultura para conseguir os recursos necessários.

— As vezes não conseguimos tudo o que queremos, mas conseguimos a maior parte e, com isso, conseguimos tocar nossos programas. O que acontece é de não fazermos num só ano uma obra desenvolver um programa. Fazemos por parte, começando em um e terminando em outro. O fato é que uma boa administração dá credibilidade a quem a pratica e torna mais fácil a obtenção de recursos, comenta Zenaldo Rosa da Silva.

No caso da Escola Técnica Federal do Espírito Santo, ele lembra que o planejamento é feito a longo prazo. Isso é possível porque os quadros administrativos mudam muito pouco e torna-se possível tocar um programa de médio prazo. "Podemos traçar prioridades e, as que traçamos, temos conseguido cumpri-las. Algumas vezes adiantando umas e atrasando outras, mas conseguindo", disse.

INCENTIVO

Porque o ensino técnico não deu certo fora das escolas técnicas e do Senai? Franco, o professor Zenaldo Rosa da Silva comenta que o principal problema é o financeiro. O ensino técnico custa muito caro e demanda investimentos altos em equipamentos. A iniciativa privada, segundo ele, não tem

A Escola Técnica Federal do Espírito Santo ao nascer, por iniciativa do presidente Nilo Peçanha, tinha outro nome e outras intenções. Era, então a Escola de Aprendizes e Artífices. Ela nasceu para facilitar "às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência", e também, para "habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual" afastando-os da "ociosidade e dos vícios".

O decreto 7.566, de 23 de dezembro de 1909, mandava que em cada uma das capitais brasileiras fosse criada uma dessas escolas, mantidas pelo poder público. O decreto dava também outras instruções para o funcionamento da escola e chegou a fixar a remuneração do seu diretor.

A partir daí a Escola começou a crescer, ganhar novas formas, novos cursos, aperfeiçoando o ensino técnico. Trinta anos depois de sua fundação, uma lei federal separou o ensino industrial do técnico. A Escola de Aprendizes e Artífices transformou-se então em Escola Técnica de Vitória. Em 1942, com a presença do então interventor no Estado, João Punaro Bley, era inaugurado o atual prédio da Escola.

Depois do novo prédio, somente em 1965, após a revolução e uma nova lei mudando o ensino de primeiro e segundo graus no Brasil é que a escola ganhou o seu atual nome. Com ele, uma transformação que o professor Zenaldo Rosa da Silva considera fundamental para o atual estágio de seu desenvolvimento e eficiência do ensino: a autarquização da escola.

Com ela, a Escola ganhou autonomia para gerir os seus próprios destinos. Hoje, segundo o professor Zenaldo Rosa da Silva, ele pode nomear, dispensar e dispor de recursos, sempre respeitando os princípios. A única briga existente, segundo ele,

o principal problema é o financeiro. O ensino técnico custa muito caro e demanda investimentos altos em equipamentos. A iniciativa privada, segundo ele, não tem condições de investir no ensino técnico e, ao mesmo tempo, pagar todas as outras obrigações.

De acordo com o professor Zenaldo Rosa da Silva o que deveria haver, então, é um sistema de incentivo onde o dono de escola pudesse montar laboratório, adquirir equipamentos que lhe possibilitassem ministrar o ensino em nível tal que profissionalizasse o aluno. Zenaldo lembra que já apresentou esta tese às autoridades responsáveis pelo ensino do país, mas que não obteve acolhida.

O incentivo que seria dado às escolas, segundo Zenaldo, poderia ter o mesmo modelo dos incentivos já dados a outras áreas da economia. Com isso, o nível do ensino melhoraria e haveria condições de as escolas privadas entrarem também na profissionalização. O diretor da Escola Técnica acha que o próprio Estado não tem condições de aparelhar suas escolas para a profissionalização.

Outro problema relacionado por Zenaldo é o tempo. Ele lembra que a Escola Técnica, para chegar ao atual estágio, levou mais de 70 anos. Foi uma evolução controlada, acrescentando material e experiência ao longo de todos os anos. Contou, para isso, com o apoio total do governo. A longo prazo, com incentivo, isso poderia acontecer no ensino profissionalizante de 2º grau.

A experiência do ensino profissionalizante, no entanto, não vai continuar. De obrigatório, ele será facultativo. As escolas poderão oferecê-lo ou não. A situação, como lembra o próprio Zenaldo, vai voltar ao que era, quando somente a Escola Técnica — e outras escolas técnicas do país — cuidavam da profissionalização. A outra escola que desenvolve um trabalho idêntico é o Senai.

A preocupação com o fazer

São 860 vagas distribuídas por seis cursos. O que oferece maior número delas é o de Técnico em Edificações, com 160 vagas. Os outros, variam de 80 a 120 vagas para os alunos que se inscreverem até o dia 29 para disputá-las. Os que forem aprovados, vão se juntar aos mais de três mil alunos que frequentam a escola e cursam uma das várias séries dos cursos que oferece.

Para atender a todos eles a escola está distribuída por nada menos que 30 mil metros quadrados de área construída. Nela, espalham-se desde a administração até salas de aula e outras dependências. Se for necessário uma expansão, outros 11 mil metros quadrados o permitem já que a área total pertencente à escola é superior a 41,5 mil metros quadrados.

Só de salas de aula são 27. A elas juntam-se outros 16 laboratórios que servem a todos os cursos, nove oficinas, quatro salas de desenho. No caso das oficinas e laboratórios a escola procura reproduzir todas as condições de trabalho. O aluno aprende fazendo o mesmo trabalho que desenvolveria junto à empresa.

Agora, por exemplo, a ETFES está recebendo um laminador que será empregado na aprendizagem do curso de metalurgia. Ele foi doado à Escola pela Companhia Ferro e Aço de Vitória, que o tirou de linha, substituindo-o por um novo, maior e mais moderno.

DEPOIS: ESTAGIO

Para os vários cursos que dá a Escola Técnica dispõe de 218 professores. Alunos regulares dos seus cursos são acrescidos outros que estudam mediante convênio existente com o Estado para o atendimento a alunos de zonas periféricas da cidade. Nestes cursos ensina-se eletricidade e mecânica, basicamente. Os que ali estudam têm como título de auxiliar. Depois, se podem prosseguir no curso técnico.

Um ponto que a escola ressaltar é a sua própria praça de estágio, o Governador Bley, de atletismo, piscina semi-

olímpica com vestiários e quadras polivalentes. Outro dado que professores e direção fazem questão de lembrar é que a escola funciona em três turnos e os alunos, normalmente, ficam nela cerca de 35 horas por semana.

O professor Herbert Barbosa Carneiro é o coordenador do programa de integração da escola com a empresa. Por ele passam todos os alunos que estudam na escola. Como para obterem o diploma, necessitam do estágio, ele é que faz o acompanhamento de todos, encaminhando-os às empresas e fiscalizando o cumprimento do estágio.

Quando o aluno termina o curso, a escola procura colocá-lo junto a uma empresa para que faça o estágio. Este estágio obedece a todo um procedimento que envolve a escola, o próprio aluno e, ainda, o Ministério do Trabalho. Existe um contrato assinado e o registro em carteira profissional. Segundo Barbosa Carneiro, ao final do estágio, com raras exceções, os alunos são aproveitados pela empresa.

Contando de 1965 a 1981, data da última estatística feita, a Escola Técnica proporcionou estágio para 4.488 alunos. A principal firma é a Companhia Vale do Rio Doce. Nela, estagiaram mais de 1.100 alunos. Depois, bem abaixo, vem a Escelsa. A Companhia Siderúrgica de Tubarão é uma das últimas. De acordo com Herbert Barbosa, ela vai começar a aparecer agora.

Para se ter uma idéia, as três primeiras turmas formadas em metalurgia na Escola foram todas absorvidas pela CST. Hoje, ela tem técnicos fazendo treinamento em várias partes do país. Os alunos que estão em fase final de conclusão do curso também deverão ser absorvidos pela empresa. Segundo Herbert, o que a ETFES forma não dará para suprir a necessidade da empresa.

NO ESTADO

O dado curioso nas estatísticas da escola é que a maioria dos estágios foi feita aqui mesmo, no Espírito Santo. Segundo Herbert Barbosa Carneiro, não existe problema para a colocação dos

alunos já que a escola trabalha muito em função do próprio mercado. Além disso, ele lembra que as empresas maiores têm um programa de pessoal já organizado e vão suprimindo suas exigências com os técnicos recém-formados. O problema só ocorre quando se trata da pequena e microempresa. Então, é difícil convencer o empresário a investir em mão-de-obra. Nas inscrições que a escola já está fazendo para os seus cursos, ela oferece vagas para Agrimensura, Edificações, Eletrotécnica, Estradas, Mecânica e Metalurgia. Na inscrição ele manual mostrando o candidato um pequeno manual mostrando o que cada curso oferece e como é que ele é desenvolvido.

Os levantamentos feitos pela Coordenação de Integração Empresa-Escola são completos. Por exemplo, dos 5.288 alunos que concluíram o curso a partir de 1965 até 1981, o levantamento feito mostra que 84,8% cumpriu estágio e está trabalhando. Uma pequena parcela, de 8,9%, fez vestibular, passou e está cursando ou já cursou a Universidade. Uma parcela ainda menor, de 3,3%, está no cursoinho. O número é completado com aqueles que, embora não tenham estagiado, estão desenvolvendo outras atividades.

O serviço funciona também para o aluno, que, tendo se formado, já deixou a escola. Se por um motivo qualquer ele sair de um emprego, a escola, agência para que ele consiga outro. Basta, para tanto, que o aluno procure a Comissão de Integração Escola-Empresa. Estes casos, segundo Herbert Barbosa, não ocorrem com muita frequência, mas ocorrem.

O fato, como lembra o diretor Zenaldo Rosa da Silva, é que a escola firmou o seu conceito ao longo desses anos. Hoje, fazer um curso nela é quase a garantia de ter, depois, uma boa colocação. Daí ele achar que de ano a ano, intensifica-se a procura pelos cursos. Existem, e eles sabem disso, casos de famílias quase inteiras que passaram pela escola nos diversos cursos.

Hoje Zenaldo fala com convicção sobre a escola que dirige. Pode até não concordar que ela é um modelo, mas, sem falsa modéstia, reconhece que chegou a uma posição, em termos de Brasil, invejável.